

VISÃO DO CORREIO

O case AWS e o oligopólio das techs

O mundo iniciou a semana com instabilidades em diversas aplicações influentes em nosso dia a dia. McDonald’s, Mercado Livre, Pinterest, Wellhub e a rede social Snapchat estiveram entre os diversos serviços com problemas de acesso desde segunda-feira, quando o Amazon Web Services (AWS) apresentou instabilidades. O AWS é uma plataforma de computação em nuvem para uso de desenvolvedores de aplicativos e sites, com pagamento sob demanda. A empresa é considerada líder do mercado de provedores, ao lado do Azure (Microsoft) e do GCP (Google).

A instabilidade apresentada pelo AWS virou notícia em todo o mundo, até porque influenciou o comportamento de usuários e afetou o faturamento de diversas empresas, principalmente as ligadas ao marketplace. Felizmente para esses desenvolvedores, os servidores apresentaram melhora no funcionamento nas últimas horas.

No entanto, chama a atenção como o mundo contemporâneo concentra poder em tão poucas empresas. No senso comum, há sempre o temor por uma eventual crise bancária que leve ao confisco das poupanças. Porém, o que acontece com as grandes empresas de tecnologia, as chamadas big techs, não é tão diferente: somos, como sociedade, cada vez mais dependentes dessas companhias.

O caso do AWS é emblemático, pois se trata de um serviço pouco conhecido pelo cidadão médio, mas usado por ele, de maneira indireta, em diversas requisições a aplicativos diferentes. Por exemplo, ao pedir um carro de aplicativo para lhe transportar entre sua casa e o trabalho, você, caro leitor, provavelmente dependerá do AWS ou de um serviço semelhante de computação em nuvem.

O que a instabilidade noticiada mostra é que as big techs são, cada vez mais, instituições com poder de influência e com faturamento semelhante a muitos países. A receita bruta da Alphabet, empresa que administra o Google, foi

comparável ao PIB do Chile em 2023, segundo dados divulgados pelo Núcleo Jornalismo.

Vale lembrar como essas empresas têm influenciado, também, a geopolítica. A aproximação das big techs com o governo Trump deixa claro o tamanho alcançado por elas em nossa sociedade. Desde Elon Musk, como homem forte da Casa Branca, até Mark Zuckerberg colocando fim às ferramentas de checagem de informações nas redes sociais da Meta, não há dúvidas sobre o espaço ocupado por esses atores na maior economia do planeta.

Mas a influência das big techs não se resume somente aos seus líderes. Como mostrou série de reportagens da Agência Pública em setembro, essas empresas foram protagonistas no engavetamento do Projeto de Lei 2630/2020, conhecido como PL das Fake News. A investigação mostra que 683 ações de lobby dessas companhias aconteceram somente em 2023, quando a votação do texto esteve mais próxima. Esse dado, inclusive, pode ser até maior, já que o Senado Federal não libera o acesso a essas informações, somente a Câmara.

A mesma reportagem da Pública deixa claro a aproximação das big techs com o Centrão e a direita brasileira. Essas empresas encontraram nos políticos mais conservadores a plataforma ideal para proteger seus interesses, usando a favor um eventual cerceamento da liberdade de expressão. Um assunto em comum para agradar ambos interessados em cafezinhos, almoços e drinques informais nos corredores do Congresso e nos gabinetes de Brasília.

Diante das peças colocadas no tabuleiro, é hora da democracia brasileira demonstrar sua força, mesmo diante de empresas com tanto poder — político e econômico — nas mãos. Se pela via Legislativa o necessário debate sobre esse oligopólio parece distante de acontecer, que o Supremo Tribunal Federal (STF) tome as rédeas da discussão. Claro, com toda parcimônia e comunicação clara que o assunto merece.



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbnet.com.br

Que falta faz Aristóteles!

Na encenação das tragédias gregas, havia um recurso polêmico conhecido como deus ex-machina. O artifício permitia que, no fim da peça, diante de um problema de difícil solução, um ator vestido de divindade descesse por uma grua e desse uma solução completamente arbitrária, encerrando o impasse do personagem. Grande admirador do gênero trágico, o filósofo Aristóteles, porém, desprezava essa técnica. Em sua *Poética*, espécie de “manual” sobre a arte da narrativa, ele determina: “Nada deve haver de irracional nos acontecimentos dramáticos”.

Escrita no século 4 a.C. e ainda atualíssima, a obra aristotélica é (ou deveria ser) obrigatória para quem se atreve a contar histórias. É uma espécie de tratado — muito acessível, por sinal — da produção literária, e, se tem uma coisa que o tempo não muda, é que, para agradar ao leitor ou ao espectador, um enredo tem de ser muito bem cerzido.

Coincidentemente, enquanto aguardava o final de *Vale Tudo*, eu estava relendo alguns trechos da *Poética*. Quando, na última cena, aparece Odete Roitman vivinha da Silva (numa explicação do ocorrido digna dos desfechos do *Scooby-Doo*), fiquei esperando descer do céu uma divindade grega: “Como já estava queimada com a família e na TCA, a Odete aproveita um tiro dado por Marco Aurélio e, sem pestanejar, forja a própria morte com a ajuda do Freitas. Fim!”

Acompanhei pouquíssimo essa versão da novela e boa parte do que vi foi por vídeos postados no Instagram. Embora a morte de Odete não tenha despertado 10% da comoção de 1988/1989, eu estava curiosa para saber como a escritora Manuela Dias e sua equipe resolveriam o grande mistério da trama. Originalmente, Marco Aurélio mataria Odete, mas a informação vazou na imprensa e o autor Gilberto Braga encontrou uma forma de surpreender os espectadores sem, contudo, inserir algo “irracional” na trama, como aconselhava Aristóteles.

Na *Poética*, o filósofo lembra que, nas encenações das tragédias gregas, tão populares na época quanto hoje são os folhetins televisivos, muitas vezes o espectador já chegava ao teatro sabendo o fim da história. Embora não fosse regra, a maioria das peças do gênero narrava conhecidos episódios da mitologia. Porém, o fato de, assim como *Vale Tudo*, *Édipo Rei* ser um, digamos, remake, não tirou a grandeza do texto de Sófocles. A construção da história, mais do que a surpresa (ou não) do final, era o que justificava sair de casa para assisti-la.

Uma boa história, defendia Aristóteles, devia ser capaz de produzir compaixão e pavor no espectador que, então, se purificava com a obra (a famosa catarse). Sem respeito nenhum ao público, que dedicou o que temos de mais precioso nesses tempos acelerados — o tempo — à sua obra, os roteiristas de *Vale Tudo* só conseguiram despertar um sentimento: o de raiva.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Protestos

Produtores de arroz protestaram contra os baixos preços despejando sacas do grão em frente a um banco. É difícil apoiar qualquer protesto que envolva desperdício de alimentos. Um dado interessante, publicado pela imprensa, aponta a queda acentuada na dupla preferida do brasileiro, o arroz e feijão. O governo federal, por meio de nossos impostos, disponibilizou ao pequeno produtor uma linha de crédito de R\$ 78,2 bilhões com juros de 0,5% ao ano, além de programas como o Desenrola Rural para renegociação de dívidas e iniciativas de mecanização. Toda atividade mercantil está sujeita a flutuações de lucro devido a uma infinidade de variáveis. Reafirmo, portanto, que existem outras formas legítimas de protesto que não envolvam o desperdício de comida, um recurso essencial para tantas famílias.

» **Marcus A. de Carvalho**
Santos

Contraste

Houve maciças manifestações contra o atual governo dos Estados Unidos no último sábado. Estão sendo consideradas um alívio para o futuro democrático daquele país e um exercício democrático elementar. Em contraste, as também maciças manifestações de apoio popular ao ex-presidente, durante seu mandato, na sua campanha pela reeleição e mesmo antes de sua prisão são tachadas de antidemocráticas. Ou seja, para esses analistas o povo só acerta, quando sua manifestação confirma o conceito deles do que é democrático e do que não é. É o que vigorou na República Democrática Alemã.

» **Roberto Doglia Azambuja**
Asa Sul

Garantias

O Marco Legal das Garantias foi discutido por anos no Congresso, aprovado em suas comissões, inclusive a de constitucionalidade, sancionado pelo presidente da República e simplesmente corre risco porque um ministro do Supremo

Tribunal Federal decidiu de tal forma, depois já ter validado boa parte da lei. A norma visa à simplificação do acesso ao crédito, ao passo em que promove avanços nos procedimentos de execução extrajudicial, evitando a judicialização. A lógica é simples: quanto mais fácil é recuperar a garantia, mais fácil é conceder um empréstimo. É assim no resto do mundo, exceto no Brasil, em que você precisa judicializar até o óbvio e, às vezes, ainda sair perdendo. A legislação veio para mudar isso, mas desagradou o forte lobby dos cartórios e emolumentos, que seriam excluídos do processo.

» **Ricardo Santoro**
Lago Sul

Pior voo

Recentemente, enviamos à Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) um relato do pior voo de nossas vidas, protagonizado por uma empresa nacional, seguramente, hoje uma das piores do mundo. O voo que sairia de Brasília para Guarulhos, às 6h10, em 8/9, com conexão para Assunção em terminal diferente. Problemas sérios em terra e no ar. Péssimo atendimento, desrespeito a idosos, atrasos no voo e até falta de atendimento a diabético a bordo! Várias normas da própria Anac foram desrespeitadas. Mas a agência que deveria defender o consumidor e fiscalizar as empresas aéreas, simplesmente, mandou-nos procurar os órgãos de defesa do consumidor. O pior é que o voo atrasou 55 minutos, e a empresa informou somente 28 minutos. Ora, para que serve essas agências? Receber uma denúncia e se negar a apurar é, no mínimo, prevaricação. Como pode funcionar uma agência sem estrutura? As denúncias foram de caráter geral. Entendo que, no mínimo, é suspeito esse procedimento da Anac que deveria ser apurada pela PF, MP, TCU, CGU, Senacon e demais órgãos que apuram desvios e ineficiência de órgãos públicos. Mas não é só a ANAC. Outras agências têm o mesmo comportamento de defender quem deveria fiscalizar!

» **Elaine Maria Santos**
Asa Norte

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Professor é espancado em escola. Se esse agressor covarde não é um risco para a sociedade, quem é? Cadê o Ministério Público? Prisão preventiva, já!

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Violência no Brasil: seria bom levar a maioria penal ao nível de plebiscito e revisão da legislação sobre a progressão de pena, que ecoa como “o crime vale a pena.”

Marcos Paulino — Vicente Pires

Médicos prescrevem a prática regular de exercícios como uma das melhores formas de evitar o câncer de mama, além de outras doenças. Vale o conselho: separe 30 minutos do seu dia para trabalhar seu bem-estar.

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

Pelo que se vê de lojas fechadas na cidade, rapidamente vamos observar o abandono como na W-3 e SCS. Frequentemente, abrem-se farmácias no local do comércio anterior. Haja farmácias! O comércio varejista necessita ser fortalecido.

Marcos Gomes Figueira — Sudoeste

Parabéns ao Paulo Motina Prates pela proposta ao governador Ibaneis Rocha de homenagear a figura ilustre de Ariano Suassuna, mandando erigir uma estátua dele deitado no saguão do Aeroporto de Brasília. Nessa posição, Ariano foi flagrado descansando enquanto aguardava seu voo para o Recife.

Manoel Alexandre — Brasília

Faixa de Gaza precisa de garantias que sobrevivam ao próximo bombardeio. A paz é construída com justiça, memória e coragem, e é o direito de viver sem medo.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

ASSINATURAS*

SEG a DOM	R\$ 1.187,88
360 EDIÇÕES (promocional)	

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.
ANJ WZ
Associação Nacional de Jornais
Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131
DIÁRIOS ASSOCIADOS **DA**
D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.
Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br